

Banqueiros combatem a entrada de novos bancos estrangeiros no Brasil

por Reginaldo Heller
do Rio

A instalação de agências de bancos estrangeiros no mercado financeiro interno é uma idéia já amplamente discutida e rejeitada pela opinião pública brasileira. Essa é a opinião de alguns banqueiros ouvidos na última sexta-feira por este jornal, a propósito das declarações feitas, em Nova York, pelo presidente de um dos maiores credores externos do Brasil, Harry Taylor, do Manufacturers Hanover Trust.

Theophilo de Azeredo Santos, vice-presidente da Fenaban citou pelo menos 15 argumentos contrários. "E não encontrei um argumento a favor que seja irrefutável", disse ele. Também o vice-presidente do Unibanco, Marcílio Marques Moreira, não vê razões para abertura de agências de bancos estrangeiros no Brasil, mas admite a possibilidade de transformação dos escritórios em agências especiais destinadas ao relacionamento financeiro com o exterior, especialmente financiamento do comércio. "É o que os americanos chamam de agency para diferenciar de full branch."

Também bancos estrangeiros já instalados no País não quiseram tomar posição definida. Ao longo dessa discussão, que já remonta há alguns anos, sempre se afirmou que os bancos estrangeiros "naturalizados", como o Citibank, o Chase Manhattan, o Bank of America e outros europeus, seriam contra. Fontes destes bancos, que preferiram não se identificar, afirmaram, contudo, que "os princípios básicos que norteiam a ação dos bancos estrangeiros são os de livre mercado".

O Citibank, por exemplo,

tem isso como norma e, portanto, ao menos em tese, não pode ser contrário à abertura do mercado. Mas todos eles preferem evitar declarações públicas para não ser interpretados como fontes de pressão. "Afinal, somos hóspedes neste país", disseram em quase total unanimidade.

Já o vice-presidente da Fenaban enumerou os seguintes argumentos contrários: o estreitamento da liquidez, como instrumento de combate à inflação, apenas acirrará a disputa interna pelo mercado e o resultado será igual ao ocorrido na Argentina, onde grandes bancos nacionais faliram; em situação normal, a ocorrência não reduzirá custos, mas, ao contrário, vai aumentar ainda mais as taxas de juros, já que os estrangeiros operam com taxas mais altas: os bancos estrangeiros deixarão de operar com empresas nacionais, dedicando-se exclusivamente às subsidiárias estrangeiras; aumentaria a dependência externa, na medida em que estes bancos penetrariam na empresa nacional.

Ele citou exemplos, inclusive, do Citibank, hoje o maior banco privado por empréstimos, e os bancos europeus, como o Sudameris e Francês e Brasileiro, que aumentaram sensivelmente sua participação no mercado interno.

Apesar dos argumentos contundentes do vice-presidente da Fenaban, é conhecida a resistência dos grandes bancos brasileiros contra o aumento da concorrência interna, gerando, inclusive, discrepâncias no próprio mercado que resultaram na criação de uma nova entidade representativa dos pequenos e médios bancos.